

ciência



Escavação mostra ocupação antiga na cidade mais indígena do país

Achados em projeto arqueológico indicam presença de populações tradicionais superior a 2.000 anos

Vinicius Sassine

MANAUS Em pequenos rasgos na terra, feitos em apenas dois pontos na cidade mais indígena do Brasil, arqueólogos encontraram elementos de uma região densamente povoada, com presença antiga e contínua de populações tradicionais — por pelo menos 2.000 anos — e decisiva para a ocupação do restante da Amazônia.

Os achados de pesquisadores de instituições brasileiras em São Gabriel da Cachoeira, no extremo noroeste do Amazonas, contrariam o discurso e o imaginário que atribuem à região — uma das mais preservadas da Amazônia — as ca-

racterísticas de esvaziamento populacional, de isolamento aprofundado e de desconexão com o restante do território amazônico.

Após dois processos de escavação em 2019 e em 2022, o Parinã (Programa Arqueológico Intercultural do Noroeste Amazônico) elaborou os primeiros relatórios sobre as peças encontradas — principalmente fragmentos de cerâmica — no quintal do ICM-Bio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e na praça da diocese de São Gabriel da Cachoeira.

Todo o trabalho contou com a participação de indígenas que estudam arqueologia na UEA (Universidade do Estado do Amazonas), curso recém-criado na cidade. O material encontrado nas escavações, as características detectadas e a conexão com a ancestralidade geraram um sentimento de identificação e pertencimento entre os indígenas, segundo os pesquisadores envolvidos.

Esse sentimento foi mais forte entre as mulheres indígenas mais velhas, que notaram semelhanças com a cerâmica desenvolvida por elas na atualidade.

A análise dos fragmentos,



Objeto cerâmico foi tratado inicialmente pela equipe de arqueólogos como não identificado, a hipótese é que seja um cachimbo ou um carimbo; a tigela reconstituída em laboratório, com ajuda de restaurador do Museu Paraense Emílio Goeldi; fragmento da base de um assador com marcas de impressão de folhas, originadas provavelmente durante processo de manufatura.

levados ao Musa (Museu da Amazônia), em Manaus, envolve uma avaliação de características das fases de ocupação da Amazônia, datações radiocarbônicas — para identificação do período em que aquela cerâmica ou carvão foram queimados — e a montagem de um verdadeiro quebra-cabeça das peças.

O projeto envolve profissionais de arqueologia do Musa, do Museu Paraense Emílio Goeldi, da UFPA (Universidade Federal do Pará), da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), da UCL (University College London) e colaboradores externos.

Segundo os arqueólogos envolvidos, foi a primeira vez que houve escavações em São Gabriel da Cachoeira, uma cidade encravada numa região onde estão 23 etnias indígenas.

Na década de 1990, um trabalho pioneiro foi feito na região, conhecida como Cabeço do Cachorro. A escavação conduzida pelo pesquisador Eduardo Neves foi feita em 1995, e os trabalhos foram concluídos em 1998. Neste caso, a busca por material se deu em terra indígena.

Conforme descrito no projeto Parinã, esse estudo da década de 90 — a única pesquisa arqueológica concluída até então na região — confirmou histórias orais da etnia tariana sobre a existência de uma aldeia fortificada no século 12, muito antes, portanto, da chegada dos portugueses ao Brasil.

Mais de 20 anos depois dessa pesquisa, arqueólogos voltaram à região do alto rio Negro e, diante das dificuldades impostas pela Funai do governo Jair Bolsonaro (PL) para a condução das pesquisas em terras indígenas, os pesquisadores decidiram que as escavações ocorreriam na própria cidade. E assim foi feito.

As conclusões preliminares até agora se referem principalmente ao que foi encontrado no terreno do ICMBio, descrito como um "sítio multicomponecinal pré-colonial e histórico a céu aberto".

As escavações se concentraram em dois pedaços da terra de um metro quadrado cada, até uma profundidade de 80 cm. Dali foram retirados 12.127 objetos, principalmente fragmentos de cerâmica (9.114) e material lítico, ou seja, pedras com algum tipo de lapidação (2.881 objetos).

Entre os fragmentos estão peças associadas à Tradição Policroma da Amazônia, em que há aplicação de cores na cerâmica com características que remetem a um período de 800 d.C. até a chegada e ocupação dos portugueses na Amazônia, nos séculos 16 e 17.

Em algumas peças, há indícios de uso de carimbos para impressão de elementos gráficos.

O material foi comparado ao conjunto cerâmico que continua sendo produzido pelos indígenas da região. "É muito provável que parte do conjunto arqueológico possa ser diretamente associado aos tukanos e baniwas", cita um relatório preliminar.

Algumas características no desenvolvimento das cerâmicas unem os indígenas de antes e os de hoje: o enegrecimento da superfície das vasilhas, a pasta de cor branca na cerâmica baniwa, o uso do carapê — elemento de uma planta — pelos dois povos.

A decoração no fragmento de uma borda de uma peça tem um grafismo "também reconhecido em gravuras rupestres na região", segundo o relatório preliminar. Essas gravuras estão associadas aos tukanos.

"A região era considerada como sem densidade populacional, mas se comporta como outros locais da Amazônia. Também era considerada como uma área difícil de ser ocupada, mas tem ampla e densa ocupação há muito tempo", afirma o arqueólogo Filipo Stampanoni, diretor adjunto científico do Musa e coordenador do projeto.

"O que constatamos é que existe um clássico do padrão amazônico: presença da terra preta [conhecida como 'terra preta de índio', resultado de intervenções humanas ao longo do tempo], grande quantidade de material [arqueológico], região habitada de forma densa", diz.

Em Manaus, no baixo rio Negro, peças retiradas de sítios arqueológicos apontam para uma datação de mais de 9.000 anos. Stampanoni diz acreditar que essa datação, na região do alto rio Negro, pode ultrapassar 10 mil anos, caso se avancem as pesquisas. "Encontramos muito material lítico, mais comum em comunidades mais antigas".

A arqueóloga Helena Pinto Lima, do Museu Goeldi, integra o Parinã. Ela diz que a pesquisa vem comprovando a "presença de assentamentos indígenas grandes e densos" na região.

"A Amazônia é colocada como não habitada ou pouco habitada, sem reconhecimento da presença dos indígenas em áreas como o noroeste amazônico", afirma. "A região tem ocupação antiga, de diferentes povos, com datação de 2.000 anos atrás. É uma terra que carrega uma história antiga".

Agora, fragmentos e peças remontadas, carregados de significado para 45 mil indígenas da região, retornarão ao alto rio Negro, para uma exposição no começo de fevereiro na maloca da Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) em São Gabriel da Cachoeira.



Teia invisível

Estudo reforça como é difícil prever efeitos de uma intervenção descuidada

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1.499: O Brasil Antes de Cabral"

Uma vez que vemos certas coisas com os olhos da mente é impossível "desvê-las". Quem se dá conta da complexidade das relações entre os seres vivos de um ecossistema, por exemplo, inevitavelmente passa a caminhar pelo mundo envergando uma trama antes invisível de fios a conectar os mais diferentes organismos.

Ocorre que essa teia é ainda mais onipresente do que haviam demonstrado os cientistas até agora, com conexões insuspeitas que influenciam o resto do tecido mesmo quando não parecem estar amarra-

das diretamente aos fios que estão alterando.

À primeira vista, parece algo quase mágico, e talvez faça sentido que o cenário dessa descoberta seja uma planta mais conhecida por estalar cantigas infantis.

Trata-se do alecrim-do-campo (Baccharis dracunculifolia), encontrado, entre outros lugares, na serra do Cipó, em Minas Gerais. (Sim, é aquele alecrim, "que nasceu no campo sem ser semeado". Bendita Galinha Pintadinha. Quem teve filhos ou netos pequenos nas últimas décadas certamen-

te sabe do que estou falando.)

O alecrim-do-campo, gentil leitor, é um mundo em miniatura. Nesse arbusto podem ser encontradas pelo menos 15 espécies de formigas, nove tipos de predadores (aranhas e joaninhas — sim, muitas joaninhas são onças em miniatura), 41 espécies de insetos herbívoros.

Calma, não acabou. O vegetal abriga ainda 17 tipos diferentes de galhadores — no caso do alecrim, são insetos que produzem tumores, as chamadas galhas, nos tecidos da planta e se desenvolvem lá dentro.

As galhas podem ainda ter inquilinos — animais que não as criaram, mas que se instalam nelas mesmo assim. E, por fim, cerca de 50 espécies de vespas parasitam os insetos galhadores.

Esses números, capazes de deixar qualquer um zozno, foram fornecidos a este escriba por Milton Barbosa, pesquisador de pós-doutorado na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Junto com Geraldo Wilson Fernandes, também da UFMG, e Rebecca Morris, da Universidade de Oxford (Reino Unido),

Barbosa é autor de um estudo publicado recentemente sobre o microcosmo do alecrim-do-campo na revista especializada Current Biology.

Com experimentos simples e muita paciência, o trio mostrou que a invisibilidade das conexões indiretas entre seres vivos pode ser "desligada" temporariamente, revelando toda a sua complexidade.

Barbosa e seus colegas buscavam detectar interações que fossem mais sutis do que as que acontecem diretamente entre duas espécies, como a predação praticada pelas joaninhas contra outros animazinhos ou o parasitismo das vespas vitando os insetos galhadores.

A pergunta era: remover uma terceira espécie, que aparentemente não tem nada a ver com essas interações diretas, seria capaz de modificar as relações mais visíveis entre predadores e presas, por exemplo?

Eles testaram a ideia deixan-

do algumas plantas sem formigas (por meio de uma resina que impedia que elas subissem no caule) ou, em outros exemplares de alecrim, retirando as galhas.

Com isso, eles construíram uma "rede de efeitos" dessas manipulações — e verificaram que a maioria das interações diretas entre espécies foi alterada pela exclusão de um único elemento da teia que, aparentemente, não tinha nada a ver com a história.

"É o primeiro estudo a testar experimentalmente a existência generalizada e a importância de uma rede de interações ocultas", escrevem os pesquisadores. O trabalho reforça como é difícil prever as consequências de uma intervenção descuidada em tamanha complexidade.

Sair tropeçando em fios invisíveis não me parece uma ideia razoável para uma espécie tão jovem quanto a nossa.